



## “Temos a arte para não morrer perante a verdade” (ou simplesmente Luiza)

## “We have art in order not to die of the truth” (or simply Luiza)

 Joaquim Alberto Jorge\*

**Resumo:** A partir das ideias de Winnicott de que “a psicoterapia deverá efetuar-se na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta” e de que, “caso o paciente não seja capaz de brincar, o terapeuta deverá ajudá-lo a tornar-se capaz”, pois “é por meio da apercepção criativa que o indivíduo sente a vida como digna de ser vivida”, discorro sobre o caso de Luiza, mostrando sua tristeza e apatia diante do mundo ao ser retirada do ambiente materno pelo Conselho Tutelar e levada para uma Casa Lar, a partir da qual foi posteriormente disponibilizada para adoção. Este trabalho apresenta a trajetória da análise iniciada com o alheamento, a desesperança e os desencontros até a posterior descoberta da música, que deu à Luiza a oportunidade de experimentar o viver criativo e, assim, resgatar o sentimento de confiança e, principalmente, o desejo de prosseguir a vida.

**Palavras-chave:** Winnicott; brincar; esperança; música; adoção.

**Abstract:** From the Winnicott ideas “psychotherapy should normally be made by the overlap of two areas of playing, the patient and the therapist” and “if the patient is unable to play, the therapist will help him to become able” because “it is through the creative apperception, the individual feels life as worth living”, I discuss the Luiza history showing her sadness and apathy toward the world when the Guardian Council withdraw her from the maternal environment and led her to a refuge house where she remained available for adoption. Furthermore, this work presents the analysis path which started with her loneliness and hopelessness and with mismatches until the discovery of music which gave to Luiza the opportunity to experience creative living and thus to rescue the feeling of hopefulness and especially the desire to continue living.

**Keywords:** Winnicott; playing; hopefulness; music; adoption.

---

\* Psicólogo pela Universidade de Uberaba, especialista em psicoterapia psicanalítica pela Universidade de São Paulo e membro candidato da Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana.

Conheci Luiza quando ela tinha 8 anos incompletos. Ela estava na sala de espera do meu consultório, acompanhada pelo motorista da Casa Lar onde havia sido acolhida. A profunda tristeza em seu olhar nesse primeiro encontro deixou em mim um forte impacto. Era um olhar vazio e sem esperança, como se comunicasse que ali não existia nada nem ninguém que pudesse mudar o que ela sentia. Era uma menina bonita, magra, de estatura pequena e de cabelos longos e negros.

Apresentei-me e a convidei para a sala de atendimento. Sem nenhuma resistência, ela se levantou e me acompanhou. Sentou-se, colocou o braço direito sobre a mesa, deitou-se sobre ele e ficou a olhar para o nada, permanecendo assim todo o tempo. Às vezes, mudava o braço e a cabeça de posição, e seu olhar passava por mim, mas como se eu não estivesse ali. Assim iniciamos nossos encontros, duas vezes por semana, por aproximadamente dois anos.

Na entrevista inicial com a psicóloga da Casa Lar, soube que Luiza e seus irmãos, uma menina de 7 anos e um menino de 5 anos, viviam com a mãe, usuária inveterada de drogas, em um ambiente desprovido de qualquer conforto e cuidado: uma casa que servia como ponto de encontro para muitos outros usuários, que lá passavam o dia e a noite consumindo entorpecentes na frente das crianças e privando-as de alimentação adequada.

Um vizinho, cansado de presenciar tal situação, fez uma denúncia ao Conselho Tutelar que, com o Juizado da Infância e da Juventude, retirou as crianças do cuidado da mãe e as encaminhou para uma ONG, que, entre seus projetos, tem a Casa Lar. Esse fato é suficiente para entender a tristeza estampada nos olhos de Luiza. Por pior que fosse o ambiente em que ela vivia, era o que ela tinha e, ao ser retirada da mãe, houve uma perda real. Ela ficou em completo desamparo, apesar de toda a assistência que a instituição lhe oferecia.

Esse tipo de acolhimento é uma medida de proteção prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente e adotada quando o vínculo familiar encontra-se rompido ou fragilizado (Lei nº 8.069/1990, artigos 92 e 94). A Casa Lar é um lugar de acolhimento que tem como objetivo resgatar o ambiente familiar, substituindo a família original das crianças, oferecendo-lhes a oportunidade de uma convivência saudável e assegurando-lhes assistência integral (alimentação, saúde, educação, lazer, esporte e atividades culturais). Ademais, tem como finalidade estimular o contato e a convivência com algum parente próximo, a fim de prepará-las para um futuro independente, ou seja, a guarda da criança pode ser recuperada pela família, o que indica que nem todas as crianças ficam disponíveis para adoção.

Eu soube pela psicóloga que o Juizado da Infância e da Juventude havia encontrado o pai das crianças e que ele seria o contato delas com o mundo fora da instituição. Embora fosse alcoólatra e

também usuário de drogas, ele tinha um emprego que lhe permitiria, junto à instituição, organizar-se para poder obter a guarda dos filhos. De acordo com a psicóloga, ele vivia miseravelmente e não tinha a mínima condição de acolhê-los em casa, mas demonstrava interesse em mudar de vida e, durante as visitas regulares, mostrava-se carinhoso e cuidadoso com as crianças.

Luiza chegava ao meu consultório com o motorista da instituição. Ele a deixava na sala de espera e saía para levar outras crianças a seus compromissos. Eu sempre a encontrava bem-comportada, na sala de espera. Ela me acompanhava, sentava, deitava-se sobre a mesa, não manifestava interesse pelo ambiente e acatava obedientemente as propostas oferecidas.

Winnicott disse que a submissão é a base doentia para a existência. Ela traz "um sentido de inutilidade e está associada à ideia de que nada importa e de que não vale a pena viver a vida" (1975/1971a, p. 95). Um dia, sugeri que desenhassemos. Sem qualquer desejo e apenas para atender a meu pedido, ela desenhou uma flor solitária e voltou a deitar-se sobre a mesa. Nossos encontros eram desvitalizados, e eu me sentia tão solitário como ela e a flor desenhada. Eu estava ali à disposição de Luiza, mas ela não podia perceber isso.

Lembrei-me então de uma citação de Winnicott: "a psicoterapia é efetuada na sobreposição de duas áreas lúdicas, a do paciente e a do terapeuta. Se este não pode brincar, então ele não se adequa ao trabalho. Se é o paciente que não pode, então algo precisa ser feito para ajudá-lo a tornar-se capaz de brincar, após o que a psicoterapia pode começar" (1975/1971a, p. 80). A partir dessa ideia, achei necessário conhecer alguém que fizesse parte do mundo de Luiza, pois eu não havia conversado com os pais dela em momento algum. Eu precisava saber como era sua rotina, o que gostava de fazer, em que ocupava o tempo livre, como se divertia e se é que se divertia. Telefonei para a psicóloga da Casa Lar e fui informado de que, na instituição, havia uma senhora com quem Luiza parecia ter um pouco mais de afinidade. Recebi a simpática senhora no consultório e, no meio de poucos dados, descobri que Luiza gostava de cantar.

Na sessão seguinte, quando Luiza deitou-se sobre a mesa e o silêncio perdurou no ambiente, pensei: "E se eu cantasse?". Nada do que eu havia tentado até então tinha surtido qualquer efeito. Comecei a cantar baixinho a primeira música que me veio à mente. Curiosamente, ela levantou a cabeça, me olhou e eu disse a ela: "Eu gosto de cantar". Fez-se novo silêncio. Ela voltou a deitar-se sobre a mesa, mas continuou a me olhar. Então lhe perguntei: "Posso continuar?". Ela balançou afirmativamente a cabeça. Cantei alguns trechos de músicas sob o olhar atento de Luiza. Peguei uma caneta que estava próxima e a usei como microfone. Surpreendendo-me, ela perguntou: "Não tem microfone?". Eu respondi: "Não, mas posso conseguir um".

Em quase três meses de atendimento, pude, pela primeira vez, experimentar o olhar de Luiza em mim. Naquele momento, senti-me descoberto e considerei ter encontrado uma forma "criativa" de comunicação.

Winnicott esclarece que fatores ambientais podem muitas vezes sufocar os processos criativos, mas nunca destruí-los por completo. Para fugir do sofrimento, algumas pessoas abandonam a esperança, ocultando, assim, a capacidade criativa.

Comprei um microfone de brinquedo e, na sessão seguinte, deixei-o propositadamente sobre a mesa. Ao entrar na sala, Luiza não se deitou como de costume, mas pegou o microfone e começou a manuseá-lo com interesse. Então, lhe disse: "Agora temos um". Passado alguns minutos, ela o entregou a mim e disse: "Canta!". Eu cantei e coloquei o microfone sobre a mesa. Com certo brilho no olhar, ela pegou-o e me olhou. Com cumplicidade, eu apenas sorri e lhe devolvi o olhar. Luiza ficou de pé e começou a cantar. Cantou olhando para mim, esperando uma aprovação. Quando terminou, eu lhe disse: "Você também gosta de cantar?". Ela timidamente me passou o microfone e disse: "É sua vez".

A partir desse momento, pouco a pouco nossas sessões deixaram de ser silenciosas e se tornaram melodiosas. Luiza entrava na sala e buscava o microfone. Passávamos as sessões cantando e, quando ela terminava de cantar, eu a aplaudia. A seguir, ela me entregava o microfone, eu cantava e ela também aplaudia. Assim, desenvolvemos uma brincadeira que Luiza chamou de "auditório".

Winnicott mostrou que "é necessário considerar a impossibilidade de uma destruição completa da capacidade de um indivíduo humano para o viver criativo, pois mesmo no caso mais extremo de submissão, e no estabelecimento de uma falsa personalidade, oculta em alguma parte, existe uma vida secreta satisfatória, pela sua qualidade criativa ou original a esse ser humano" (1975/1971a, p. 99).

Aos poucos, Luiza me mostrou que mantinha oculta, porém preservada, sua capacidade criativa e, ao pensar em sua forma de expressão e de comunicação, lembrei-me de Nietzsche: "Temos a arte para não morrer ou enlouquecer perante a verdade. Somente a arte pode transfigurar a desordem do mundo em beleza e fazer aceitável tudo aquilo que há de problemático e terrível na vida" (2008).

Com o tempo, Luiza demonstrava que gostava de estar comigo, que ansiava pelos nossos encontros e que preparava novas canções para as "sessões de auditório". Após sua apresentação, ela permitia que eu tecesse algum comentário, esboçava sorrisos e seu olhar ganhava mais vida. Foi então que, já confiando em mim, ela me surpreendeu com a seguinte música:

*[...] Como é que eu posso vomitar batata se eu comi repolho?  
Arroz queimado, feijão estragado, macarrão sem molho.*

*Meu pai doente, minha mãe sem dente, meu irmão ladrão.  
E eu aqui carente com meleca no dente e catarro na mão [...].*

Ela cantou essa música com o semblante sério, sem nenhuma possibilidade de torná-la engraçada. Eu não conhecia a canção e, depois de pesquisá-la, descobri que ela é uma versão cômica da música “Brincar de ser feliz”, de Chitãozinho e Xororó. Luiza repetiu-a três vezes, olhando-me no fundo dos olhos, e, quando terminou, não consegui aplaudi-la, apenas lhe disse que tinha gostado, embora fosse uma música triste, e que aquela música me ajudava muito a pensar sobre a tristeza dela. Luiza, sem me passar o microfone, decidiu cantar outra canção que eu também não conhecia, mas depois descobri ser “Criança Esperança”, gravada por Sandy e Júnior.

*Uma criança o papai parou,  
sorrindo lhe estendeu a mão,  
me dá licença, meu senhor,  
desculpe, tô de pé no chão.  
A minha roupa tá rasgada,  
nem o cabelo penteei.  
É que dormi nessa calçada,  
e com o sol eu acordei.  
Queria ser como seu filho,  
Correr, brincar e jogar bola.  
Ter uma mãe pra me acordar  
e ter um pai pra me levar à escola.  
Meus pais, não sei por onde andam,  
a minha casa é essa esquina.  
Meus irmãos são as estrelas  
e a vida me ensina.  
Moço, ouvi dizer  
que sou a esperança,  
mas não sei do quê,  
se ninguém me ver como criança.  
Moço, eu vivo aqui,  
sem carinho e proteção,  
vá pro seu trabalho,  
só quero um trocado  
pra comprar um pão.*

Winnicott disse que o analista deve ser capaz de esperar “pela evolução natural da transferência que surge da confiança crescente do paciente na técnica e no cenário psicanalítico” (1975/1971a, p. 121). O analista deve ser capaz de conter interpretações precipitadas e esperar a compreensão criativa do paciente, pois é este, e somente este, que tem as respostas. O analista poderá ou não torná-lo apto a apreender o que é conhecido e ajudá-lo a tornar-se ciente, com aceitação. Na primeira música, Luiza fez uma pergunta e, na segunda, revelou o quanto conhecia a resposta.

Um ano havia se passado e, perto do Natal, sem dinheiro, o pai de Luiza pediu emprestado a um amigo 15 reais para comprar os presentes dos três filhos e foi visitá-los. Dois dias depois, no dia 24 de dezembro, estava em um bar a beber com o mesmo amigo e este lhe cobrou o dinheiro. Por não ter condições de devolver o empréstimo, o amigo o matou com uma facada e, assim, também morreu a única possibilidade de as crianças não irem para a adoção.

Luiza sofreu com a morte do pai e ficou apavorada quando soube da adoção, pois temia ser separada dos irmãos. Ela chorava copiosamente e implorava para que eu intercedesse a seu favor. Sem alternativas, ela se viu conformada, mas impôs uma condição: só concordaria com a adoção se os três fossem adotados pela mesma família. Um casal italiano se interessou pelas duas meninas, mas não queria o menino. Por ocasião do destino ou por sorte de Luiza, outro casal italiano, da mesma região, se interessou pelo menino, e ambos decidiram que manteriam as três crianças em contato. Luiza concordou.

Assim decidido, um juiz iniciou o processo de destituição do poder familiar para a possibilidade de colocação nas famílias substitutas. Iniciou-se o intercâmbio de notícias e fotografias. Luiza me apresentou por meio de uma foto seus pais adotivos e o gato da família. Ela manifestou preocupação com o novo idioma. Tinha receio de não entendê-los e de não ser compreendida. Conversei com ela sobre a dificuldade inicial de comunicação comigo e de como encontramos um "idioma" para nos comunicar. Luiza me pediu para que eu lhe ensinasse italiano. Comprei um livro de noções básicas e, em nossas últimas sessões, aprendemos juntos um pouco da língua.

A partir do pressuposto de que a expressão da língua materna resulta do costume de que as mães eram as únicas a educar seus filhos na primeira infância, aprender o italiano provavelmente seria para Luiza a garantia de um recomeço.

## Referências

- Nietzsche, F. (2008). *A vontade de poder*. (M. S. Fernandes e F. J. Moraes, Trad.). Rio de Janeiro: Contraponto.
- Winnicott, D. W. (1975). O brincar – uma exposição teórica. In D. Winnicott (1975/1971a), *O brincar e a realidade* (J. O. de A. Abreu & V. Nobre, Trad., pp. 65-87). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1968i[1967]).
- Winnicott, D. W. (1975). O brincar – a atividade criativa e a busca do eu (self). In D. Winnicott (1975/1971a), *O brincar e a realidade* (J. O. de A. Abreu & V. Nobre, Trad., pp. 88-107). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971r).

- Winnicott, D. W. (1975). A criatividade e suas origens. In D. Winnicott (1975/1971a), *O brincar e a realidade* (J. O. de A. Abreu & V. Nobre, Trad., pp. 108-138). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971g).
- Winnicott, D. W. (1975). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In D. Winnicott (1975/1971a), *O brincar e a realidade* (J. O. de A. Abreu & V. Nobre, Trad., pp. 139-151). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1969i[1968])